

PREFÁCIO

Cristina Azevedo Gomes

CI&DEI e Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.164>

Num contexto de profunda e acelerada transformação digital, as restrições colocadas pela pandemia COVID – 19 vieram interpelar, de forma abrupta e disruptiva, a (re)organização das escolas e das suas práticas de ensino, desde o pré-escolar ao ensino superior. Nos anos letivos 2019-2020 e 2020-2021, as circunstâncias de isolamento e de afastamento profilático condicionaram o desenvolvimento das atividades de ensino e aprendizagem em torno de abordagens a distância ou abordagens mistas.

Fazendo a tecnologia já parte integrante da nossa vida, enquanto dimensão indissociável das nossas práticas sociais, num entrelaçado de experiências presenciais e *online*, reconhece-se que, antes da pandemia, o lugar da tecnologia nas escolas e a sua apropriação por docentes e alunos/as assumia contornos muito diversificados. O contexto pandémico veio comprometer todas as escolas no Ensino Remoto de Emergência (ERE) e no ensino híbrido ou misto, implicando todos os atores e agentes educativos na mobilização dos meios de que dispunham, no sentido de dar as melhores respostas ao problema que enfrentavam. Esta transição não foi fácil, nem inteiramente bem sucedida, mas foi-se concretizando numa dinâmica de inovação combinatória, a partir dos dispositivos tecnológicos existentes nas escolas e nas casas de professores/as e alunos/as, e das competências digitais de cada um/a. Vários níveis de problemas foram sendo identificados, com ecos e densidades diferenciados em função dos níveis etários dos/as alunos/as, sendo

que a transição para o ensino a distância num jardim de infância tem poucos pontos de conexão com o mesmo processo no ensino superior. Em função do contexto de cada escola, escolas com menos prática de ensino a distância, menos apetrechadas tecnologicamente ou de comunidades socioeconomicamente mais frágeis, enfrentaram desafios muito maiores. Questões como a igualdade e equidade nas condições de acesso e de espaço de aprendizagem, a capacidade de atenção dos/as alunos/as no *online*, as competências de autonomia dos/as alunos/as nas suas aprendizagens e a formação técnica e pedagógica dos/as docentes foram recorrentemente referidas desde cedo.

Na transição para o Ensino Remoto de Emergência reconheceu-se que a simples transição dos modelos presenciais para o *online*, com recurso intensivo a sistemas de videoconferência, não respondeu aos desafios colocados pela pandemia, tendo começado a emergir outras práticas de ensino a distância ou misto. No regresso ao ensino presencial, será uma oportunidade perdida voltar simplesmente às práticas pré-pandémicas. Importa avaliar e refletir sobre as atividades que foram desenvolvidas nesse período, agenciando novas abordagens de ensino e aprendizagem. Este livro responde a esse desiderato. A partir de práticas e experiências vividas no período de Ensino Remoto de Emergência em três Escolas Superiores de Educação, de Lisboa, Santarém e Setúbal, fundamentam-se os seus ambientes metodológicos, reflete-se sobre a sua avaliação e projeta-se o futuro da educação.

A riqueza das atividades e experiências exploradas ao longo do livro, resultam, também, do contexto das Escolas Superiores de Educação, onde convivem áreas disciplinares de natureza científica, epistemológica e metodológica muito diversa. Ciências Exatas, Ciências Sociais, Artes, Humanidades, Desporto e Educação comungam o mesmo espaço e organização. As vivências que os contextos de estágio da sua oferta formativa convocam, desde o trabalho em escolas do ensino básico, até ao trabalho com instituições sociais e culturais, proporcionam um olhar fundamental entre as fronteiras da escola e do seu meio envolvente, entre o ensino formal e não formal.

O livro equaciona um conjunto de abordagens metodológicas que ultrapassam uma visão simplista e redutora do ensino a distância, muitas vezes concretizada, na apresentação síncrona de conteúdos aos/às estudantes, ou na pesquisa de conteúdos feita pelos/as estudantes. O foco na criação de ambientes de aprendizagem significativa, em atividades baseadas em problemas ou projetos, em atividades baseadas na colaboração e cocriação, vai tecendo os vários capítulos. A utilização da tecnologia na Educação Ambiental para trabalhar com os/as alunos/as experiências corporizadas, sensoriais e localizadas, em torno das suas casas ou da sua escola, a complementaridade do manual e do digital nas atividades de Artes Visuais, as práticas de ensino invertido

em Educação Matemática, mobilizando ambientes e manipuláveis digitais, a exploração de ambientes de partilha nas dinâmicas de escrita colaborativa, a visualização e edição de vídeos para trabalhar a intervenção pedagógica no Desporto, a intensificação de utilização de recursos digitais de vários acervos e bibliotecas nas práticas em História e Cidadania, a exploração de visitas virtuais num contexto de estágio em ambiente hospitalar, ou o design de *Inquiry Learning Spaces* em contexto de estágio dos/as futuros/as professores/as de Matemática e Ciências da Natureza, convocam uma diversidade de plataformas e recursos digitais, devidamente enquadrados na sua intencionalidade didática e na sua adequação ao ensino a distância.

O regresso ao ensino presencial e ao “novo normal”, não nos trouxe ao mesmo “lugar”. Neste sentido, este livro é uma referência incontornável sobre estes processos de desenraizamento e enraizamento que a pandemia provocou no contexto educativo. A partir de práticas e experiência vividas no período de Ensino Remoto de Emergência em três Escolas Superiores de Educação, projetam-se novos enraizamentos que apontam, de forma indelével, a afirmação das práticas mistas ou híbridas na educação. Por isso, a sua leitura é desafiante e a possibilidade de o ir revisitando inspiradora para todos/as os/as que procuram afirmar-se como agentes de inovação e mudança no atual sistema educativo.